



FERNANDO LIGUORI

# MAGIA VS MISTICISMO, SENDO: QUIMBANDA VS THELEMA

DA SÉRIE: O OLHO DE HOOR

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

## INTRODUÇÃO



Este texto foi redigido no Equinócio de Outono de 2024. As circunstâncias que me levaram a escrevê-lo foram descritas em meu diário mágico como um *redespertar* para a Lei de Thelema após um período de sete anos de Silêncio, passando a reorganizar o *Outer College Brasil*, linha de transmissão da A·A·: que represento e, a partir dela, uma reestruturação da *Ordo Estrela & Serpente* que passou a operar, desde então, sob a fórmula mágica do *obeah* e o *wanga*, conforme instrui O LIVRO DA LEI. O texto foi publicado na época no site da *Quimbanda Nàgô* e se encontra disponível no blog para leitura. Assim que o finalizei, fiz a seguinte entrada em meu diário:

Este texto nasceu sob a vigília das estrelas fixas e o murmúrio das folhas caídas do Equinócio de Outono de 2024 e.v. Escrevê-lo não foi uma decisão racional, mas a emergência inevitável de uma força que há muito havia sido selada – um chamado que brotou do Silêncio, como a trombeta que desperta os mortos para o Julgamento. Em sua escrita fui conduzido por uma força que parecia externa, mas que sempre ardeu em mim como uma brasa silenciosa. Ele é mais do que uma narrativa biográfica. É o relato iniciático de um ciclo completo de morte e renascimento. Queimaram-se os livros, despedaçaram-se os votos, atravessaram-se desertos. Mas a *Corrente* permaneceu. E como todo Iniciado sabe: o que queima, purifica. E o que ressurgue, ressurgue mais forte – não como quem volta atrás, mas como quem retorna do Submundo com as Chaves nas

Mãos. Assim se manifestou a *Corrente 93* mais uma vez em mim, conduzindo-me, como um rio subterrâneo que retorna à superfície, de volta ao fulgor da Estrela de Prata.

Foi no espelho negro da Quimbanda que vi a Estrela de Prata brilhar novamente. Pois não há retorno sem travessia, não há sabedoria sem queda. E quando caí, foi Exu quem me segurou. Quando tremi, foi Pombagira quem me aqueceu. Quando chorei, foi Pantera Negra quem me deu caminhos para ação. Com a Lua Negra a meus pés e a Lança Solar em mãos, declaro: sou servidor da Estrela e da Serpente. E construo, com cada palavra deste texto, uma ponte entre mundos – entre o sussurro de Nuit na abóbada celeste e o grito de Exu nas profundezas do Submundo.<sup>1</sup>

Até aquele ponto da espiral, eu julgava ter encerrado o ciclo thelêmico de minha Obra Exterior, como quem sela um grimório cuja tinta ainda ferve, tendo adormecido na Santa Ordem A·A·: a partir do Equinócio de Outono de 2018. Mas a Estrela de Prata, mesmo quando submersa no abismo do esquecimento, pulsa no escuro como um Khabs oculto no Khu,<sup>2</sup> à espera do sopro que reacenda sua chama primordial.

Tenho um histórico de mudanças equinociais: desde o início de minha jornada na A·A·: em 1996 como um Probacionista 0°=0<sup>o</sup>, venho passando por uma série de mudanças, acontecimentos misteriosos, ordálios ou ciclos de renascimento e morte que ocorrem na abertura dos portais equinociais de Outono (março) e Primavera (setembro). É algo que, estranhamente, não consigo explicar. De alguma forma esses portais equinociais trazem uma movimentação inesperada, não calculada, que me levam do caos a ordem, ou ao contrário, da ordem ao caos.

Assinei o Juramento de Neófito 1°=10<sup>o</sup> no Equinócio de Outono de 1999. Fui admitido na *Ordo Templi Orientis* no Equinócio de Outono de 2001. No Equinócio de Primavera de 2005 passei por uma profunda crise espiritual e me desfiz de todos os meus livros de *Ocultismo* e documentos da A·A·:, adormecendo seu trabalho. Na época, a única prática espiritual que mantive foi a frequência nos trabalhos do Santo Daime. Essa crise me levou a um aprofundamento no *yoga*, no tantra e na *āyurveda*, tendo iniciado um curso de formação de professores de *yoga* no Equinócio de Primavera de 2006. Em seguida, conheci a mãe de meu filho, minha primeira esposa, em uma cerimônia ritual de xamanismo urbano no Equinócio de Primavera de 2007. Meu filho nasceu bem próximo do Equinócio de Primavera de 2008. Junto com ela, no Equinócio de Outono de 2009 fundei o *Instituto Kaula: Tantra, Yoga & Āyurveda*. Em 2010 me vinculei ao *Satyananda Yoga*, ministrando cursos, aulas e *workshops* nestas três áreas. Mas nossa relação acabou, como se por um estalar de dedos, sem previsão alguma, no Equinócio de Primavera de 2012, o que marcou o encerramento das atividades do *Instituto Kaula*.

Em uma cerimônia no Santo Daime, na Igreja Céu das Estrelas em Juiz de Fora em 2013, perto do Equinócio de Primavera, tive uma visão (ou miração) estupefacente com Ra-Hoor-Kuit bicando a cabeça de Jesus, como em O LIVRO DA LEI (III:51). Eu falei dessa experiência em um vídeo no YouTube, que

---

<sup>1</sup> Fernando Liguori. *Diário Mágico*. Entrada de 24 de março de 2024.

<sup>2</sup> Aleister Crowley. *LIBER AL VEL LEGIS*, I:8.

intitulei *Jesus: o Grande Inimigo da Humanidade*. Essa visão foi tão impactante que retomei os estudos e práticas thelêmicas, reabrindo o *Outer College Brasil*.

Depois conheci minha atual esposa, Soror Vox Babaloniis 156, no Equinócio de Primavera de 2015. E no Equinócio de Outono de 2018 passei novamente por uma profunda crise espiritual. Mais uma vez adormeci os trabalhos da A:A:, vendi meus livros de *Ocultismo* e decidi, devido aos acontecimentos narrados na Introdução de meu livro, *DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA* (2019), a buscar as raízes antigas da magia, o que acabou por me levar a Quimbanda.

Fui admitido a Quimbanda no Equinócio de Primavera de 2019 e, no Equinócio de Outono de 2021 fui iniciado no Ifá. Um ano depois, no Equinócio de Outono de 2022 fui iniciado no Égúngún. Em seguida, no mesmo ano, fui iniciado na *Quimbanda Mussurumin* no Equinócio de Primavera. Pouco tempo depois, no Equinócio de Outono de 2023, fui iniciado na *Quimbanda Malê*. O meu aprontamento como Mestre de *Quimbanda Malê* está marcado para o Equinócio de Primavera de 2025, e a data não foi marcada por mim, mas em decorrência dos compromissos de meu Táta, que me aprontará.

Quando fui iniciado na Quimbanda em 2019, Exu Tranca-Ruas de Embaré, meu *diabo pessoal*, disse: *fica tranquilo que eu vou trazer essa história de volta quando for o momento certo*. Essa história a qual se referiu o Exu é a *Corrente 93: Thelema*, e o momento foi o Equinócio de Outono de 2024. Desde então voltei a realizar o *sāadhanā* diário incluindo os rituais da mística thelêmica como *resh* e *reguli*, aliado as práticas *yogīs* das quais nunca me distanciei.

Nestes dois períodos de *adormecimento* thelêmico, 2005 e 2018, sempre procurei me esquivar dos escritos de Aleister Crowley, porque para mim eles são como a cocaína é para um viciado em drogas. É por este motivo que, nestas duas crises, vendi todos os meus livros de *Thelema*. No entanto, na gaveta de meu escritório, por todo este tempo, mantive uma edição de bolso de *O LIVRO DA LEI*, a qual nunca consegui me desfazer, publicada por mim em 2004. Mesmo que não o abrisse, ele estava ali, como àquela memória que, embora distante, está sempre presente. No dia 20 de março de 2024, ano novo thelêmico, fui invadido por uma atração magnética a essa edição de *O LIVRO DA LEI*. Então decidi, no rompante do impulso, a sacá-lo da gaveta e começar a lê-lo. E ao abrir *O LIVRO DA LEI*, como no mais singelo dos encantos: *Abrahadabra*. Tudo mudou, como aquela visão colorida de uma experiência extática que se manifesta diante dos olhos abertos.

Naquele momento me veio a lembrança de uma passagem da vida de Crowley. 1909 foi um dos anos mais importantes e decisivos de sua carreira mágica, e profeta do Novo Aeon. Dois eventos importantes ocorreram: primeiro, ele redescobriu o manuscrito original de *O LIVRO DA LEI*, perdido há cinco anos. O evento não se tratou, para Crowley, de um acidente, mas de um alinhamento cósmico, um chamado dos deuses para que ele assumisse seu papel de profeta do Novo Aeon. Segundo, por meio de uma série de explorações astrais – as quais posteriormente viriam a influenciar inúmeras

práticas modernas e pós-modernas de *Ocultismo* e neopaganismo – na Argélia, no Norte da África, Crowley conquistou o grau de Mestre do Templo 8°=3° A:A:. Em sua autobiografia, ele afirma repetidamente que sua primeira reação ao texto de O LIVRO DA LEI ditado a ele em 1904 por Aiwass – a entidade *praeter-humana* com a qual alegava ter estabelecido contato, sendo o seu Sagrado Anjo Guardião – foi rejeitá-lo. Ele não apenas se recusou inicialmente a aceitar o papel de profeta que O LIVRO DA LEI parecia lhe atribuir, como também perdeu o manuscrito. Cinco anos depois, Crowley o reencontrou e considerou esse evento o sinal derradeiro dos deuses. A recuperação do manuscrito indicava que o momento havia chegado: ele finalmente teria de assumir a tarefa de conduzir a humanidade a uma nova era.<sup>3</sup>

Imediatamente refiz meus votos com a A:A: e no mesmo ano, dia 25 de dezembro, assinei o *Juramento do Abismo* ritualmente, assumindo o Grau de Mestre do Templo. No *juramento*, proclamei que irei viver em verdade, que confiarei apenas em mim mesmo, e que doravante irei interpretar qualquer fenômeno como um trato particular entre Deus e minha alma. No fechamento do ritual gritei a plenos pulmões: *La Aheba Babalon*, porque *nada mais resta, o templo foi destruído* e absolutamente tudo eu ofereço a Taça de Babalon. No meu diário mágico escrevi: *Hoje, no clímax da Assunção ao Grau de Mestre do Templo, ofereci à Taça de Babalon o derradeiro suspiro do Adepto, bradando: La Aheba Babalon! – o Verbo do Esvaziamento Final, quando o Templo ruído não guarda mais os símbolos, mas apenas a Luz da Estrela de Prata na Escuridão Abissal.*<sup>4</sup>

Aqui estou eu novamente, cheirando os versos dos LIVROS SAGRADOS DE THELEMA, fumando os parágrafos e capítulos de O LIVRO DE THOTH, encontrando êxtase em O LIVRO DAS MENTIRAS e bebendo da sabedoria de LIBER ALEPH etc., fazendo de LIBER OZ minha ética e estilo de vida, meu escudo e minha espada.

Demorei a compreender que os ciclos de revolução dos astros têm um impacto profundo na minha alma, por outro lado. Planetas retrógrados, eclipses lunares e solares, as lunações zodiacais etc. Como tenho uma maior quantidade do Elemento Água na minha Carta Natal, sinto que os fluxos e refluxos dos astros têm uma influência avassaladora na minha mente, emoções e ações. Por vezes, minhas Sombras me dragam para um buraco fundo e escuro e, de repente, saio à luz do Sol como em uma aurora radiante. Cada trânsito planetário é um sigilo celeste gravado no *ochēma-pneuma*, cada eclipse um ordálio inscrito nos véus de Nephesch, e cada lunação um tambor rítmico convocando o despertar da Estrela. Acompanhar e buscar

---

<sup>3</sup> Durante toda a minha carreira mágica na A:A:, desde 1996 eu costumo relacionar os eventos da vida de Aleister Crowley aos eventos de minha própria vida, como exemplifiquei nessa passagem. Um desses momentos significativos envolveu a experiência descrita no DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA, onde relatei o acidente de minha mãe, em que ela quase faleceu. De igual modo, nesta ocasião me lembrei de quando Crowley perdeu sua filha na Abadia de Thelema por tifo, ocasião em que se sentiu completamente desamparado e fracassado como mago. Eu não queria me sentir como ele se sentiu e, a partir disso, decidi ajudar minha mãe com a magia, fora do escopo total de Thelema, como relatei. Este evento também foi um dos fatores que me fizeram adormecer na Santa Ordem naquele período.

<sup>4</sup> Fernando Liguori. *Diário Mágico*. Entrada de 25 de dezembro de 2024.

compreender isso tudo tem sido incrível. A partir dessas experiências comecei a produzir alguns ensaios que, unidos, denominei ASTROLOGIA PARA THELEMITAS, em breve disponíveis em O OLHO DE HOOR.

Eis-me aqui, renascido pela força dos astros e pelo chamado irrefreável da Estrela de Prata. O que parecia ser o fim de um ciclo foi, na verdade, o Silêncio fecundo de uma semente oculta sob a terra, à espera do tempo certo para brotar. O Equinócio de Outono de 2024 não foi apenas mais uma estação em minha carreira mágica – foi um rito de retorno, o reencontro inevitável com a *Corrente 93*, como prometido por Exu Tranca-Ruas de Embaré. Tudo que ardeu em mim nesses anos – cada exílio, cada ruína, cada abandono – foi lenha para o fogo sagrado que agora, mais uma vez, ilumina minha senda. A Lei que outrora sussurrava entre sombras voltou a brilhar em palavras de relâmpago: *Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei*.

Compreendi, por fim, que não se abandona aquilo que nasceu conosco, nem se foge da estrela que arde em nossa testa desde antes do nascimento. Thelema para mim não é um sistema, mas um destino. Do meu diário: *Thelema não é para mim um arcabouço filosófico, mas o traço ígneo inscrito em minha alma antes da Encarnação – uma telesma vibrando desde a Noite dos Tempos, cuja realização exigiu o reencontro entre os mistérios urânicos e os sortilégios ctônicos*.<sup>5</sup>

E, como os planetas que dançam no céu em suas órbitas silenciosas, também nós somos levados por ciclos maiores que a razão. Foi preciso mergulhar no abismo para ouvir, no eco mais profundo, a voz de meu Sagrado Anjo Guardião. Agora, entre o fogo de Tiphereth e o sal das águas lunares, sigo minha jornada como servo da Estrela e da Serpente, construindo pontes entre mundos, corpos e linhagens. Que estes escritos sirvam de farol para aqueles que também despertam ao som do Equinócio, pois nenhum silêncio é eterno, e toda sombra é a promessa de uma luz por vir.

*Abrahadabra.*

---

<sup>5</sup> Fernando Liguori. *Diário Mágico*. Entrada de 24 de março de 2024.



## QUANDO A QUIMBANDA TOCOU A ESTRELA: O DESPERTAR DA CORRENTE 93 NAS SOMBRAS DO DIABO

No Equinócio de Outono de 2018, como quem atravessa o limiar de Daath sem mapa ou estrela, entrei em um Silêncio que não era abandono, mas a Noite Escura da Alma sob o véu de Binah, onde a Criança Mágica dorme envolta em trevas fecundas. [...]

[...] Esta é a minha proclamação: que a Estrela de Prata jamais se apagou, mas se ocultou no ventre da terra, onde os Exus vigiam o fogo do *Logos* que arde no escuro. Que se saiba: Thelema não dorme, pois foi acordada pelo galo negro da encruzilhada, que anuncia o alvorecer do Inferno. Que ninguém mais diga: esta é a escolha entre Céu e Terra. Pois o Iniciado, feito Sol em Tiphereth e cinza em Malkuth, é a ponte entre mundos.<sup>6</sup>



Quando comecei a idealizar a série de volumes do DAEMONIUM, estava mergulhado na condução do *Curso de Filosofia Oculta*, um seminário on-line permanente sobre magia na Antiguidade, Idade Média e Modernidade, cujas pesquisas me levaram aos meandros profundos da *gnōsis*, do hermetismo alexandrino e do platonismo teúrgico de Jâmblico<sup>7</sup> (245-325 d.C.).<sup>8</sup> Todo o primeiro volume do DAEMONIUM explora a magia por uma perspectiva inspirada no trabalho deste filósofo teúrgo. E minhas pesquisas anteriores acerca da gênese da ideia de *Sagrado Anjo Guardião* em Thelema<sup>9</sup> me levaram a uma imersão na fórmula mágica universal do *espírito tutelar* e o seu papel como *intermediário* entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (ou dos espíritos), bem como a sua função deílica na apoteose da alma, como menciona o LOGOS TELEIOS:

Do mesmo modo que o Senhor e Pai (ou, para lhe dar o nome mais elevado, Deus) é o Criador dos deuses celestes, o ser humano é criador dos deuses que estão nos templos e que se alegram com a proximidade com os seres humanos. Não apenas a humanidade é glorificada, como também ela glorifica; não apenas avança em direção a Deus, como também fortalece os deuses.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> Fernando Liguori. *Diário Mágico*. Entrada de 28 de março de 2024.

<sup>7</sup> Jâmblico de Cálcis (245–325 d.E.C.) foi um dos mais influentes filósofos platônicos da Antiguidade tardia, nascido na Síria romana, em Cálcis, e discípulo de Porfírio (234-305 d.E.C.), que por sua vez fora aluno de Plotino (205-270 d.E.C.). Superando seus mestres, Jâmblico elevou a filosofia a uma dimensão sagrada, unindo pensamento e ritual numa síntese poderosa que deu origem à teurgia como via de salvação. Ao defender que o divino só pode ser contactado por meio de ritos revelados e não apenas pela razão, ele transformou a prática filosófica em um sacerdócio, restaurando a dignidade do mundo como reflexo do Uno. Seu *De Mysteriis*, verdadeiro tratado iniciático, é um monumento da espiritualidade antiga e inspiração eterna para todos os que buscam a união com o divino por caminhos rituais e ancestrais. Jâmblico não foi apenas um pensador – foi um iniciador, um mestre dos mistérios, que enxergou no Cosmos inteiro a hierarquia viva dos deuses, dos *daimones* e da alma.

<sup>8</sup> Por conta do intenso trabalho sacerdotal com a Quimbanda, encerrei o *Curso de Filosofia Oculta* em janeiro de 2022.

<sup>9</sup> Veja Fernando Liguori. *CORRENTE 93: A CORRENTE SOLAR DO NOVO AEON*. Clube de Autores, 2017.

<sup>10</sup> Hermes Trimegisto. *Logos Teleios: O Asclépio ou o Discurso de Iniciação*. Tradução de Vinicius Pimentel Ferreira, edição do tradutor.

Como demonstrei no livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, essa passagem trata dos *deuses terrestres*, quer dizer, os deuses *assentados* em zonas de poder telésticas,<sup>11</sup> como estatuetas, pedras ou vasos no hermetismo alexandrino. São *terrestres* porque possuem corpo material. O fundamento aqui, que é um dos fundamentos arcaicos e basilares da tradição da magia, é que para agir no mundo material, a deidade precisa ter corpo material. No livro eu faço uma comparação entre os métodos da Quimbanda para assentar os Gangas do culto em suas moradas de poder, os *assentamentos*, e os métodos teúrgicos<sup>12</sup> para construir as moradas de poder dos *deuses terrestres* no hermetismo alexandrino ou tradicional, demonstrando a universalidade das técnicas de feitiçaria: da mesma maneira que um *daimôn*, morto ou encantado, assume morada em uma zona de poder consagrada a alguma deidade e que fora construída de forma a atraí-lo a fazer daquele local sua própria zona de poder, assumindo as características daquela deidade e agindo tal qual, de igual modo ocorre na Quimbanda, onde o espírito de um morto ou um encantado da Natureza assumirá o assentamento construído em nome de uma *linha de trabalho* dos Espíritos Gangas, atuando a partir daí como Exu ou Pombagira desta *linha de trabalho*. Então traduzindo a passagem acima do LOGOS TELEIOS para o contexto da Quimbanda, fica assim: àqueles que cultuam os *deuses terrestres* da Quimbanda têm o auxílio deles na deificação da alma; de igual modo, ao cultuarem os Gangas, estes são também glorificados e fortalecidos pelo culto dos *kimbandas*. Eu consegui rastrear a fórmula mágica do *espírito tutelar* desde os movimentos esotéricos da Antiguidade e Idade Média até a Quimbanda brasileira, quando escrevi o segundo volume do DAEMONIUM.

O DAEMONIUM nasceu para celebrar, hora representar simbolicamente, a *interface* de conexão com o mundo dos espíritos, todos os espíritos, mortos, encantados ctônicos e telúricos, assim como deidades urânicas. O pivô motivacional para escrever o terceiro volume da série permanece o mesmo: a necessidade do *encantamento*, i.e. a visão encantada ou *daemônica* do Cosmos, como premissa fundamental para realização da magia.

---

<sup>11</sup> Na Quimbanda, os assentamentos não são meros recipientes: são corpos vivos, animados ritualmente para conter a força mágica e divina dos espíritos Ganga. Chamá-los de *telésticos* é reconhecer que, assim como na antiga teurgia de Jâmblico, esses fundamentos são portais entre mundos, corpos sacralizados onde a potência espiritual se enraíza na matéria e se torna operativa. O *kimbanda*, como um verdadeiro teurgo afro-brasileiro, realiza a arte de encarnar o invisível no visível, transformando barro, ferro e sangue em tronos ctônicos, onde Exus e Pombagiras reinam com autoridade. Assim, cada assentamento é uma estrela caída na terra: um foco de poder, de destino e de transformação.

A palavra *teléstico* (do grego τελεστικός, *telestikós*) vem do verbo *telein*, que significa consagrar, realizar um rito, concluir algo sagrado ou levar algo a seu fim espiritual. No platonismo teúrgico, especialmente nos escritos de Jâmblico e seus sucessores como Proclo, um objeto *teléstico* é aquele que foi preparado ritualmente para se tornar um receptáculo de uma força divina ou espiritual – ou seja, animado por uma presença divina.

Um objeto teléstico (como uma estátua, imagem, pedra ou vaso) é *vivificado* ritualmente com o objetivo de servir como morada de uma divindade, inteligência espiritual ou *daimôn*, tornando-se então um ponto de contato concreto com o invisível.

<sup>12</sup> Uso o termo *métodos teúrgicos* como uma referência direta a Jâmblico, no sentido em que o exercício de teurgia proposto pelo filósofo teúrgo é retirado do CORPUS HERMETICUM. Jâmblico abre e fecha seu DE MYSTERIIS elogiando e exaltando Hermes Trimegisto.

O primeiro volume do DAEMONIUM nasceu da contenda que se estabeleceu dentro de mim entre a visão animista e encantada do Cosmos (i.e. a visão mágica) e a visão místico-psicologizada da magia moderna (i.e. a visão psiúrgica-cientificista do *Iluminismo Científico* preconizada por Aleister Crowley). O que resultou dessa contenda foi uma mudança radical na minha carreira magística, onde mergulhei na ancestralidade mágica de nossa terra, a feitiçaria tradicional brasileira. Antes de colocar os pés na feitiçaria diabólica e nigromântica da Quimbanda, eu me arvorava conhecedor da goécia em sua forma salomônica de convocação e pactuação com uma miríade de *diabos*. Mas quando eu fui jogado no caldeirão sem fundo da Quimbanda, foi ali que de verdade me vi no meio dos *diabos* e, embora tivesse tomado um susto, estupefato como fiquei, me senti em casa, no meio do Inferno.

Depois das mudanças que fiz em minha carreira magística, me retirando do trabalho externo da A.:A.: (*Astrum Argentum*) em 2018,<sup>13</sup> muitos leitores ainda continuam a me endereçar perguntas acerca de minha relação atual com Thelema: eu estaria a aplicar alguma coisa de Thelema na Quimbanda? Eu ainda praticaria os rituais thelêmicos da A.:A.: ou da O.T.O. (*Ordo Templi Orientis*)? Existe qualquer convergência entre Thelema e Quimbanda? Vou responder essas indagações da forma mais didática possível.

*Minha relação atual com thelema:* estive envolvido diretamente com Thelema por vinte e quatro anos. A filosofia de Thelema moldou minha visão de mundo desde que eu tinha dezesseis anos. Instruções da A.:A.: como LIBER AL VEL LEGIS,<sup>14</sup> LIBER ALEPH, OS LIVROS SAGRADOS DE THELEMA, assim como o poderoso manifesto da O.T.O., o LIBER OZ etc., foram a minha pedra de encosto por todas as noites durante todos esses anos envolvido diretamente com a A.:A.: O sistema de magia sexual da O.T.O. foi o *axis mundi* de minha carreira magística, o eixo que orientou toda a minha jornada thelêmica; por conta da natureza de minha estrutura astrológica, a magia sexual, a cultura tântrica, a sexualidade sagrada etc., sempre foi o meio de *realização* mais adequado a minha alma. E por esse caminho segui por todo esse período. Será que é possível viver sem isso tudo? É simplesmente impossível tirar isso de mim! Costumo dizer que, metaforicamente, o LIBER ALEPH, a instrução da A.:A.: que mais me debrucei sobre, plantou a semente de Thelema (*vontade-botão*) nas profundezas de minha alma para formulação da *criança mágica* no sacramento da *missa*.

EIS aqui então o teu Programa para todas as Operações de Magia. Primeiro: tu descobrirás tua Verdadeira Vontade, como Eu já te ensinei, e aquele Botão dela que é o Propósito desta Operação.

Em seguida, formula esta Vontade-Botão como uma Pessoa, buscando-a ou construindo-a, e dando-lhe nome, de acordo com tua Santa Qabalah, e sua infalível Regra de Verdade.

Terceiro: purifica e consagra esta Pessoa, concentrando-te sobre ela, e contra tudo mais. Esta Preparação continuará em toda a tua Vida diária. Nota bem: apronta uma Nova Criança imediatamente após cada Nascimento.

---

<sup>13</sup> No primeiro volume do DAEMONIUM eu relato uma experiência magística que seria o pivô para que eu pudesse desacreditar completamente da magia thelêmica (*magick*) como fonte taumatúrgica verdadeira.

<sup>14</sup> O LIVRO DA LEI ou LIBER AL, a escritura sagrada de Thelema.

Quarto: executa uma Invocação direta e especial em tua Missa, antes da Introdução, formulando uma Imagem visível desta Criança, e oferecendo o Direito de Encarnação.

Quinto: executa a Missa, sem omitir a Epiklesis, e que haja uma Aliança de Ouro nas Bodas de teu Leão com tua Águia.

Sexto: na Consumação da Eucaristia aceita esta Criança, dissolvendo nela tua Consciência, até que ela esteja bem assimilada dentro de ti.

Agora pois faz isto continuamente, pois através de Repetição vem tanto Força quanto Habilidade, e o Efeito é cumulativo, se tu não dás tempo para que ele se dissipe.<sup>15</sup>

Hoje Thelema continua a orientar a minha vida, mas de uma maneira diferente, essencialmente filosófica, mística e comportamental, de forma a conduzir até mesmo à minha maneira de ensinar e transmitir a Quimbanda.

No *Orientador Geral da Cova de Cipriano Feiticeiro*, temos uma regra que proíbe qualquer manifestação pública, em rede social ou por qualquer outro meio de comunicação, de críticas ou contendas com outras famílias de Quimbanda. Me recordo de uma carta de Soror Meral (Phyllis Evalina Seckler – 1917-2004) publicada em seu jornal IN THE CONTINUUM, onde ela ensinava a seus discípulos o valor da disciplina da palavra:

Entre os Thelemitas, deve-se entender que a crítica implica que o crítico deseja que a outra pessoa se comporte de acordo com o código do crítico. Em outras palavras, o crítico está obstruindo o livre fluxo da vontade do outro. Ele está construindo um padrão que é seu (o padrão crítico) e está aplicando-o a outra pessoa. Não nos diz o LIBER AL VEL LEGIS para que *nada amarreis! Que não haja nenhuma diferença feita entre vós entre qualquer uma coisa & qualquer outra coisa; pois daí vem dor* (Cap. I, v. 22).

Por favor, entenda que não estou de forma alguma me referindo ao que acontece entre o guru e o chela quando o guru pode ter que usar críticas construtivas em certos casos muito teimosos. Este tipo de trabalho – dificilmente crítica – é baseado no conhecimento que o guru pode ter dos vários fatores na natureza do chela que estão obstruindo o caminho deste último para o Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardião.

Não, estou falando da variedade cotidiana de críticas em que muitos aspirantes-a-thelemitas podem ser tentados a se entregar. Eu vi muito disso, e é especialmente frequente em ordens de vários tipos ou em certos tipos de grupos religiosos. Todos formulam sua própria ideia do ideal e, em seguida, passam a pedir que outra pessoa viva esse ideal. Você vê agora a razão para o controle da língua? Se você terá liberdade para fazer sua vontade, então você deve dar essa liberdade ao outro. Deixe-me citar LIBER ALEPH: [*De Eadem Re Altera Verba*]: *Por esta Compreensão sejam refutados aqueles que fazem uma Crítica à nossa Arte, dizendo em sua Insolência que se nós temos todo Poder, porque então às Vezes estamos sob Pressão de Pobreza, e em Desprezo dos Homens, e em Dor de Doença, e assim por diante, zombando de nós, e considerando nossa Magia uma Ilusão. Mas eles não vêem a nossa Luz, como ela nos guia em nosso Caminho para um Alvo que não está na Compreensão deles; de forma que nós não cobiçamos aquilo que lhes parece a única Comida e Conforto na Vida. Também, isto que nós alcançamos, se bem que seja a Essência de Onisciência e Onipotência, impregna e move o Mundo Material (por assim chamá-lo) somente de acordo com a Natureza daquilo que ali está. Pois a Luz do Sol (pela própria Compleção d'Ele) mostra uma Rosa vermelha, mas uma Folha verde; e seu Calor reúne as Nuvens, e também as dispersa. Assim Eu então, se bem que Eu fosse perfeito em Magia, não poderia trabalhar em Metais como um Ferreiro, ou me tornar rico no Comércio como um Negociante; pois Eu não tenho em minha Natureza as Máquinas próprias a estas Capacidades, e portanto não é de minha Vontade buscar exercitá-las. Aqui então está o meu Caso: que Eu não posso porque Eu não quero; e haveria Conflito se Eu me dedicasse àquilo. Mas que cada Homem se torne perfeito em seu próprio Trabalho, sem*

---

<sup>15</sup> Aleister Crowley. LIBER ALEPH. Samuel Waiser, 1991, Cap. 86.

*ligar à Crítica de outro, que algum Caminho não o seu é mais Nobre, ou mais Lucrativo; mas persistindo em Tratar da sua própria Vida.*<sup>16</sup>

Nesse texto Soror Meral coloca ênfase sobre a questão das projeções dos outros sobre nós e, de igual modo, as projeções que fazemos sobre outras pessoas. No contexto da Quimbanda é interessante ver isso nas projeções que outros *tátas* (e muitos supostos *tátas*) têm sobre o meu trabalho. De minha parte não acompanho nenhum deles, ou mesmo consumo qualquer material que venham a produzir, cuidando para que não haja qualquer projeção minha sobre o trabalho deles, porque *que cada Homem se torne perfeito em seu próprio Trabalho, sem ligar à Crítica de outro* tem sido o norte-thelêmico do trabalho público de Quimbanda da família *Cova de Cipriano Feiticeiro*. Outra característica thelêmica de nossa família: damos a *liberdade* para que todos os nossos iniciados possam ir e vir, porque só queremos conosco àqueles que querem estar entre nós. Existe uma prática nociva perpetuada pela grande maioria das casas de *àçê* da cultura afro-brasileira: a perseguição mágica dos iniciados que por um motivo ou outro desejam seguir em outro lugar ou caminho. Nós abominamos esse tipo de abordagem escravocrata. Um *kimbanda* é livre para caminhar sobre suas próprias pernas, e a *Cova de Cipriano Feiticeiro* incentiva, como está em O LIVRO DA LEI, a cada um de seus iniciados que busque *vossa fartura de amor*<sup>17</sup> onde desejarem, porque *tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade*.<sup>18</sup> Além disso, com os fundamentos que transmitimos sobre a Arte da magia na Quimbanda, incentivamos a *liberdade* de ação magística para o aperfeiçoamento da Arte de fazer magia. A *liberdade* é um dos princípios fundamentais do estilo de vida de um *kimbanda*, como de um thelemita.

Eu poderia dar inúmeros outros exemplos, mas estes são o suficiente para explicar meu ponto: Thelema está entranhada na minha visão de mundo e na condução de minhas ações no mundo. Essa visão de mundo, em certa medida, trago à Quimbanda; muitas das ideias filosóficas de O LIVRO DA LEI e demais publicações de *Classe A* e *B*<sup>19</sup> da A:A: são inseridas no Estatuto da *Cova de Cipriano Feiticeiro*.

*Convergência entre Thelema e Quimbanda*: existe uma congruência filosófica entre Thelema e a Quimbanda em muitos pontos; ambas compartilham de posicionamentos similares acerca do Cosmos. Exemplo: assim como em Thelema, na Quimbanda impera a *lei do forte*. Em uma passagem de O LIVRO DA LEI que fala acerca dos adeptos da *Estrela & Serpente*, i.e. os thelemitas que superaram a Natureza e deificaram a alma *em puro êxtase para sempre* na Cidade das Pirâmides, encontramos o olhar visceral da Quimbanda:

---

<sup>16</sup> Phyllis Seckler. THE KABBALAH, MAGICK, AND THELEMA. SELECTED WRITINGS, VOL. II. Temple of Silver Star, 2012, pp. 8-9. Citação de Aleister Crowley. LIBER ALEPH. Samuel Waiser, 1991, verso 189.

<sup>17</sup> Aleister Crowley. LIBER AL VEL LEGIS, I:12. Waiser Books, 1976. Reprodução da edição de 1938, *Ordo Templi Orientis*.

<sup>18</sup> Aleister Crowley. LIBER AL VEL LEGIS, I:42. Waiser Books, 1976. Reprodução da edição de 1938, *Ordo Templi Orientis*.

<sup>19</sup> Revelações imutáveis de Aiwass (*Classe A*); reflexões filosóficas, teóricas e instrutivas (*Classe B*).

Nós nada temos com o incapaz e o expulso: deixai-os morrer em sua miséria. Pois eles não sentem. Compaixão é o vício dos reis: calcai aos pés os desgraçados & os fracos: esta é a lei do forte: esta é nossa lei e a alegria do mundo. Não penses, ó rei, naquela mentira: Que Tu Deves Morrer: em verdade, tu não morrerás, mas viverás. Agora seja isto compreendido: Se o corpo do Rei se dissolve, ele permanecerá em puro êxtase para sempre. Nuit! Hadit! Ra-Hoor-Khuit! O Sol, Força & Visão, Luz; estes são para os servidores da Estrela & da Cobra.<sup>20</sup>

Essa passagem resume e transmite a fórmula mágica da deificação da alma não só na Quimbanda, mas em inúmeros cultos de guerra: a superação das vicissitudes da Natureza. *Eu sou um deus de Guerra e Vingança*,<sup>21</sup> diz Ra-Hoor-Khuit no terceiro capítulo de O LIVRO DA LEI. De igual modo, a Quimbanda é um culto de guerra. No meu texto *11 Aforismos para Entender a Quimbanda*, menciono:

A natureza da Quimbanda é a guerra, o combate, o abate predatório, porque seu objetivo último é o domínio! Trata-se de um culto visceral de caça e expansão de território. Seus adeptos são considerados guerreiros que lutam para expandir o Reinado do Chefe Império Maioral, o Diabo.

[...] Quimbanda é um culto afro-brasileiro muito distinto dos outros cultos, por muitos motivos. Um deles é este: o *kimbanda* não é um ressentido, porque o ressentimento é um espírito que só forja laços e compromissos com indivíduos fracos, os pedantes de mentalidade escrava. Os escravos, quer dizer, os indivíduos que têm a mentalidade escrava, sempre serão dominados! Os escravos sempre irão servir! Essa é à vontade e o objetivo de vida deles. O *kimbanda* é um indivíduo liberto dessas correntes ressentidas de estagnação e pobreza espiritual que se costuma alimentar na grande maioria dos cultos afro-brasileiros. O *kimbanda* não se comporta como um pedante escravo ressentido; ele é um guerreiro visceral e seu impulso é a dominação, a caça predatória; o estilo de vida de um *kimbanda*, treinado na arte da guerra mágica, é olho por olho, dente por dente! Ele não se ressent com a injustiça; o que o *kimbanda* faz é restaurar o equilíbrio entre as partes através de sua Arte!

[...] Quimbanda se trata de realeza! Os Exus são Reis de seus domínios e sob o comando deles operam uma legião de espíritos-servidores e falangeiros. O termo «coroa mediúcnica» se refere à coroa de todo um reinado, governo ou domínio. A coroa é usada por um Rei, o Exu, porque ele se ergueu da tumba do corpo físico com um corpo glorificado (deificado) através dos processos iniciáticos da Quimbanda. Isso implica em conquista, domínio e poder. Este poder não é simbólico! Sua natureza, embora transcendente, também é material. Essa é uma sabedoria perene da Realeza, e esteve presente em inúmeras civilizações e culturas. No antigo Egito o faraó era considerado imbuído de um poder que não era simbólico, mas transcendente, material e taumatúrgico, e dele dependia a ordem do cosmos e de toda a sociedade. O faraó encarnava o princípio solar-ígneo, o poder da glória e da vitória.<sup>22</sup>

Assim, Thelema e Quimbanda compartilham que apenas os mais fortes, i.e. àqueles que são capazes de se adaptar e superar as intempéries da Natureza, conseguem essa proeza, porque como diz Exu Pantera Negra: *no fim do dia só restam os sobreviventes*. Agora, magicamente a congruência para por aí, porque *thelema* elaborou uma visão mística (psiúrgica) e cientificista da

---

<sup>20</sup> Aleister Crowley. LIBER AL VEL LEGIS, II:21. Waiser Books, 1976. Reprodução da edição de 1938, *Ordo Templi Orientis*.

<sup>21</sup> Aleister Crowley. LIBER AL VEL LEGIS, III:3. Waiser Books, 1976. Reprodução da edição de 1938, *Ordo Templi Orientis*.

<sup>22</sup> Fernando Liguori. WANGA: O SEGREDO DO DIABO. Clube de Autores, 2024.

magia, psicologizando e internalizando simbolicamente os processos mágicos. A Quimbanda vai em uma direção completamente oposta. Enquanto os métodos de Thelema são essencialmente místicos, os métodos da Quimbanda são mágicos. Aqui passamos a última questão:

*A prática dos rituais thelêmicos:* os rituais thelêmicos da A·A· e da O.T.O. são místicos e psiúrgicos, não mágicos. A definição clássica de Crowley sobre a magia é: *a ciência e arte de causar Mudanças na Natureza de acordo com a Vontade*.<sup>23</sup> Isso não é magia, e sim *psicurgia*, porque depende completamente e tão somente das capacidades inatas do operador, da amplitude de seus poderes ou forças anímicas.<sup>24</sup> Além disso, Crowley postulou que a suprema operação de magia é o *conhecimento & conversação* com o *Sagrado Anjo Guardião*.<sup>25</sup> O problema aqui é que Crowley desenvolveu apenas instruções místicas e psiúrgicas para obtenção desta consecução espiritual, muito embora ela se baseie em um antigo arcano da tradição da magia no Ocidente, como demonstrei no primeiro volume do DAEMONIUM: a fórmula mágica do espírito tutelar.

De acordo com essa antiga fórmula mágica na tradição da magia no Ocidente, este é sim o *arcano secreto* que possibilita ao mago a realização da taumaturgia, i.e. o milagre da magia; porque diferente da definição de Crowley, as mudanças na Natureza não dependem exclusivamente da vontade do operador, mas fundamentalmente da agência de um espírito, tutelar ou servidor.<sup>26</sup> No meu livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, explico – nos termos da Quimbanda – que a vontade é importante para manutenção da *tenção mágica*, que será *transportada ao ambiente mágico* pelo espírito, que lá a manterá enquanto o mago manter a tensão. Se esse entendimento fosse transferido a Thelema, então seus métodos deixariam de ser somente psiúrgicos e se tornariam mágicos também, porque não existe magia sem psicurgia, mas a modernidade fez existir psicurgia sem magia, o que se conveniu chamar de *magia moderna*. É nesta direção que segue a *Ordo*

---

<sup>23</sup> Aleister Crowley. LIBER ABA: MAGIA EM QUATRO PARTES. Penumbra, 2020, pp. 188.

<sup>24</sup> O entendimento de Crowley sobre magia está diretamente vinculado à Vontade e o brio individual de cada magista, uma herança da *alta magia* de Eliphas Levi (1810-1875). Essa visão *moderna* da magia, conectada diretamente ao renascer da magia do fim do Séc. XIX e às ideias iluministas, cientificistas-positivistas, opera diametralmente a visão animista e fetichista da magia. O que Crowley chama magia (ou *magick*) é, em verdade, misticismo. Embora ele tenha ressaltado os *perigos do misticismo*, não o negava e seu sistema é, efetivamente, considerado *místico* por muitos autores contemporâneos do *Ocultismo*, como Stephen Skynner. Quando Crowley conecta o *supremo ritual de magia* ao *conhecimento & conversação* com o Sagrado Anjo Guardião, não se trata, tecnicamente, de magia mas, no máximo, de teurgia, ou melhor: misticismo teúrgico. Assim como Thelema dá ênfase nesta experiência como a primeira e mais importante consecução espiritual, de igual modo o platonismo teúrgico vê no *daimôn pessoal* a primeira e mais importante conquista mágica, como demonstrei no DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA.

<sup>25</sup> Aleister Crowley. LIBER ABA: MAGIA EM QUATRO PARTES. Penumbra, 2020, pp. 203.

<sup>26</sup> Embora a definição de Crowley sobre magia em LIBER ABA seja tecnicamente *psicurgia* e não magia, como vimos, ele não totalmente inconsciente da fórmula mágica tradicional. Ao comentar sobre o trabalho do *obeah e wanga* (LIBER AL VEL LEGIS I:37), ele introduz outra definição: *sobre o obeah e o wanga, as façanhas e a palavra magick. Magick é a arte de causar mudança nos fenômenos existentes. Esta definição inclui levantar os mortos, encantar o gado, fazer chover, adquirir bens, fascinar juízes, o programa completo. Bom: mas isso inclui todos os atos? Sim; eu quis dizer isso. [...] Magick é a arte da vida em si mesma*. Essa definição, por outro lado, está completamente alinhada a visão animista e fetichista da magia, que é feitiçaria propriamente dita. Levantar os mortos é necromancia, o que fazemos na Quimbanda. Eu desenvolvo um comentário mais substancial sobre o tema em meu livro A LANÇA & O GRAAL, Introdução.

*Estrela & Serpente* ao associar a Filosofia Mística de Thelema ao trabalho do *obeah e wanga*. A estrutura do *Iluminismo Científico* ou *teurgia cética* como apelidou Crowley, não impossibilita essa convergência, mesmo tendo se alinhado ao paradigma cientificista-naturalista moderno.

Em 1909 Crowley lançou o THE EQUINOX, a *Revista do Iluminismo Científico*. O lema da revista era: *O Método da Ciência, o Objetivo da Religião*. No editorial da primeira edição ele escreveu:

Qualquer conhecimento que anteriormente tenha sido creditado aos homens sempre foi cercado por condições e restrições. Chegou a hora de falar claramente, e tanto quanto possível, na linguagem da multidão.

Desta forma, os Irmãos da A.:A.: se anunciam sem milagres ou mistérios. Para qualquer charlatão é fácil realizar prodígios, confundir e até mesmo enganar não somente os tolos, mas todas as pessoas, não importa o quão perspicazes, inexperientes em observação; nem os observadores experientes sempre conseguem detectar imediatamente uma fraude. Novamente, o que a A.:A.: propõe fazer é permitir que os homens capazes de avançar à uma interpretação superior da humanidade o façam; e a prova de sua capacidade está em seu sucesso, e não em qualquer outro fenômeno irrelevante. O argumento que surge de milagres é um *non sequitur*.

Nem há nada de misterioso na A.:A.:; não se deve confundir o que é misterioso com o que é desconhecido. Inicialmente, alguns dos conteúdos deste Periódico podem ser difíceis ou impossíveis de entender, mas somente no sentido de que Homero é ininteligível para uma pessoa que não sabe grego.

Mas os Irmãos da A.:A.: não fazem mistério; Eles não lhe fornecem somente o Texto, mas também o Comentário; não somente o Comentário, mas também o Dicionário, a Gramática e o Alfabeto. É necessário estar completamente familiarizado com o idioma antes que você possa apreciar as obras-primas do mesmo; e se enquanto for totalmente ignorante do idioma você desprezar a obra-prima, você desculpará os espectadores mais frívolos se a diversão deles corresponde à sua indignação.

Os Irmãos da A.:A.: se opõem contra todo charlatanismo, seja o da venda de milagres ou o do obscurantismo; e todas as pessoas que têm buscado a fama ou a riqueza através desses meios podem esperar cruel exposição, seja de sua vaidade ou de sua desonestidade; pois eles não podem ser ensinados por nenhum meio mais gentil.

Pelas mãos de seus representantes escolhidos, os Irmãos da A.:A.: recomendarão experimentos simples e os descreverão na linguagem mais simples disponível. Se você falhar em obter bons resultados, culpe a si mesmo ou ao método Deles, como você desejar; caso tenha sucesso, agradeça a si ou a Eles, como você desejar.<sup>27</sup>

Simplificando, em tese o *Iluminismo Científico* é a tentativa de compreender a magia e o *Ocultismo* sem postular nada de sobrenatural ou mesmo fora das principais ciências sociais e naturais, como psicologia e neurologia. Busca eliminar crenças e práticas supersticiosas do exercício do *Ocultismo*, da magia cerimonial em particular, com um olhar crítico e pragmático. Há muita fantasia, fraude, superstição e charlatanismo no campo do *Ocultismo*. Para lidar com isso o *Iluminismo Científico* incentiva a pesquisa científica no estudo do ritual cerimonial e do *Ocultismo* em geral, sem tentar explicar o mistério (o Mundo e especialmente os resultados da magia) com mais mistério, ou seja, explicá-los em termos de energias, *cakras*, planos, esferas, raios, planetas, trigramas, influência de espíritos etc. Ao invés disso, o *Iluminismo Científico*

---

<sup>27</sup> Aleister Crowley. THE EQUINOX, Vol. I, No. 1. 1909, Editorial.

busca fundamentar o *Ocultismo* na ciência moderna, se livrando de toda e qualquer superstição.<sup>28</sup> Crowley diz:

Portanto, sua tarefa como Mestre de Magia é ser tão científico quanto possível, descartando de teu universo àquelas informações inválidas na construção de sua obra. Assim como é acima é abaixo, assim como é dentro, também é fora. Descubra isso para que possas compreender o verdadeiro mecanismo pelo qual a magia opera. Equilibra teu universo com cada símbolo e não pense, nem por um momento, que ele significará para o outro o mesmo que significa para você e não confunda os planos. Coloque tudo em seu devido lugar.<sup>29</sup>

Fé, Vida, Filosofia falharam. A Ciência já está estabelecida. O Misticismo, sendo baseado na experiência pura, é sempre uma força vital; mas devido à falta de observação treinada, sempre foi uma massa de erro. A Experiência Espiritual, interpretada em termos do Intelecto, é distorcida; assim como o nascer do sol mostra o verde da grama e o azul do mar. Ambos eram invisíveis até o amanhecer; ainda que a diversidade das cores não esteja no sol, mas nos objetos sobre os quais recai sua luz, e sua contradição não prova que o sol seja uma ilusão. Corrigiremos o Misticismo (ou Iluminismo) pela Ciência e explicaremos a Ciência pelo Iluminismo.<sup>30</sup>

O *Iluminismo Científico* terá, nos termos da ciência moderna, uma abordagem *natural* da magia. Natural no sentido em que as teorias, a conduta do operador e os resultados da magia serão compreendidos e explicados nos termos do mundo natural. Nenhuma entidade ou força sobrenatural será entretida, e serão desaprovadas também afirmações vagas ou ambíguas como falar de *correntes astrais* ou *energias sutis*, a menos que estas sejam explicadas nos termos psicológicos ou fisiológicos. Uma abordagem científica da magia significa que as teorias, a conduta do operador e os resultados da magia serão compreendidos e explicados com uma atitude científica. Essa atitude inclui ceticismo (não cinismo), foco em evidências empíricas (ou seja, diretamente observadas) e o desejo de alinhar as *ciências ocultas* dentro de uma visão de mundo racionalista, cientificista-naturalista. O ceticismo nessa abordagem moderna da magia significa enfrentar explicações com dúvidas e suspender o julgamento sobre quaisquer reivindicações feitas por outros até que seja fornecida uma evidência.

A magia moderna, portanto, é a coroa do mundo desencantado contemporâneo, cartesiano, racional e científico. A racionalidade neste mundo desencantado é a antítese da superstição, a crença na magia e na agência de espíritos por meio dessa arte, e faz de qualquer *ciência oculta* uma pseudociência. No mundo desencantado da magia moderna, absolutamente tudo deve ser explicado racionalmente, e essa é a sua principal diferença do

---

<sup>28</sup> Em tese, porque, nos fatos, Crowley utiliza todos esses jargões assumidos no *esoterismo ocidental* para explicar sua mística, metafísica e cosmovisão religiosa. Veja Gordan Djurdjevic. INDIA AND THE OCCULT: THE INFLUENCE OF SOUTH ASIAN SPIRITUALITY ON MODERN WESTERN OCCULTISM. Palgrave, 2014. Crowley epitomiza, não só através de seu Sistema mágico e místico, a A·:A·:, a miscigenação do *esoterismo ocidental* e *oriental*, mas principalmente através da O.T.O., a primeira ordem oculta do Ocidente a operar ou, criar pontes efetivas com o tantra e com o *yoga*. Veja Hugh B Urban. MAGIA SEXUALIS: SEX, MAGIC, AND LIBERATION IN MODERN WESTERN ESOTERICISM. University of California Press, 2006. Veja também Wouter J. Hanegraaff. HIDDEN INTERCOURSE: EROS AND SEXUALITY IN HISTORY OF WESTERN ESOTERICISM. Fordham, 2011.

<sup>29</sup> Aleister Crowley, citado no diário mágico de Frank Bennett.

<sup>30</sup> Aleister Crowley, THE EQUINOX, Vol. I, No. 2.

mundo encantado onde os espíritos ancestrais protegem e amparam o homem do infortúnio, enquanto requerem sacrifícios e oferendas.

No que tange a prática da magia, portanto, *thelema* e Quimbanda caminham em Cosmos diferentes. Então quando Crowley diz que *assim como é acima é abaixo, assim como é dentro, também é fora [...] para que possas compreender o verdadeiro mecanismo pelo qual a magia opera*, o que ele está fazendo é chamar misticismo e psicurgia de magia. O olhar para dentro, a descoberta e o domínio de si mesmo, sempre foram o campo do misticismo e da psicurgia, não da magia. No mundo encantado o operador não precisa conhecer a si mesmo, compreender os aspectos mais intrínsecos de sua alma ou os planos mais sutis de luz e perfeição para realizar o milagre da magia. Não é solicitado ao operador vencer seus vícios ou superar qualquer fraqueza para que, efetivamente, a magia possa operar e funcionar. Essas conquistas servem a alma e, como tais, são místico-psiúrgicas, mas não são essenciais a realização taumatúrgica da magia. Em sua empolgante coleção de artigos, Frater IA0131 explica a magia nos termos do misticismo:

Magia é a ciência espiritual que tem o potencial de nos ajudar a conhecer a Verdadeira Vontade, e de causar Mudanças efetivas por meio da Verdadeira Vontade. [...] Magia é a mesma busca antiga do «Conhece a ti Mesmo» no Oráculo de Delfos. Também, como Buda disse, «é melhor conquistar a si mesmo do que conquistar 10.000 exércitos». Magia é, portanto, a busca pela conquista de si mesmo.

[... Magia] é o objetivo espiritual último, a conquista da Verdade de si mesmo, sua Divina Natureza. [...] A magia é dirigida por princípios, não por um conjunto de técnicas. Esses princípios são a permanente busca pela conquista de Conhecer, Aperfeiçoar e Conquistar o Ser, para então Fazer a sua Vontade em harmonia com sua livre vontade, cheio de consciência, equilíbrio e completude.<sup>31</sup>

A pergunta que um Chefe de Quimbanda faria para o autor é: *você quer fazer magia ou yoga?* Curiosamente o yoga é a fase preliminar de treinamento psiúrgico do sistema thelêmico, porque existe a necessidade de desenvolver capacidades psíquicas inatas ao bom desempenho da psicurgia em uma fase preliminar de treinamento «mágico». A Quimbanda é uma tradição mágica; Thelema é uma tradição mística. No que tange ao *esoterismo ocidental* essa distinção da natureza das tradições é fundamental. Arthur Versluis diz: *É possível distinguir entre tradições mágicas cujos objetivos são essencialmente cosmológicos em natureza – quer dizer, mais ou menos «terrenos» no sentido de buscarem riqueza e poder – e tradições místicas que rejeitam os objetivos terrenos [mundanos] em favor da iluminação espiritual. Essa distinção é fundamental no Ocidente.*<sup>32</sup> Muito embora filosoficamente Thelema não negue o Mundo e busque êxtase na corporificação, como os *tāntrikas* da Índia, magisticamente ela rejeita o Mundo em detrimento da iluminação, uma herança místico-cristã rasacruciana no sistema promulgado por Crowley. A exemplo disso como ilustração, na A:A:, cujo requerimento fundamental para o funcionamento é não cobrar nenhuma taxa para recepção,

<sup>31</sup> Frater IA0131. FRESH FEVER FROM THE SKIES. Edição do Autor, 2014, pp. 231-3.

<sup>32</sup> Arthur Versluis. MAGIC AND MYSTICISM: AN INTRODUCTION TO WESTERN ESOTERICISM. Rowman & Littlefield Publishers, 2007, pp. 2-3.

acompanhamento ou evolução dos adeptos sob a pena de expulsão sumária – porque como gostam de dizer os thelemitas brasileiros, *espiritualidade não se compra* –, essa discrepância e diferença entre magia e misticismo é nitidamente inferida nesses dois sistemas. Bom, isso de *espiritualidade não se compra* não é verdade nem na Igreja Católica, e na Quimbanda dizemos: *Exu responde no caminho do dinheiro e o dinheiro responde no caminho de Exu*.

O místico busca a sabedoria divina, o mago busca o conhecimento cosmológico da Natureza para adquirir poder; a magia busca o poder sobre outros ou sobre a Natureza, o misticismo busca a transcendência do poder e a realização do Divino. São, portanto, correntes distintas, mas não excludentes, porque entre um extremo e outro no contexto do *esoterismo ocidental*, se encontram uma miríade de subcorrentes místico-mágicas, com mais ênfase em uma ou outra abordagem. Já no contexto das ciências da religião, Thelema é um culto urânico (i.e. celestial) revelado; a Quimbanda é um culto ctônico (i.e. natural).

## **CONCLUSÃO: A CHAMA QUE NÃO SE APAGA**

A magia psicologizada da modernidade é a herdeira envergonhada de um *Ocultismo* castrado. Travestida de técnica terapêutica, ela apequena os arcanos em arquétipos, reduz os deuses a complexos da psique e transforma o milagre em metáfora. No esforço de tornar-se palatável ao cientificismo, ela perde o seu espírito. Em nome da razão, despoja-se do mistério. Em nome da sanidade, exorciza os demônios com manuais de autoajuda. A magia moderna não evoca – interpreta. Não pactua – simboliza. Não comanda – especula. É uma sombra racional do que foi um dia um ofício perigoso, subversivo, real. E quanto mais se autodenomina *espiritual*, mais distante está do espírito.

Thelema, ao se submeter a essa domesticação moderna, corre o risco de perder o sangue que a vivifica. Pois se a Estrela brilha nos céus, é a Serpente que a sustenta desde o abismo. E foi nos terreiros fumegantes da Quimbanda, entre a pólvora e o sangue, que reencontrei esse sangue. A Quimbanda, com seus pactos reais e seus espíritos tangíveis, não é um sistema simbólico, mas uma teurgia de carne e ferro, de fogo e sangue, de terra batida e cemitério aberto. Ela é o que a magia moderna teme ser: um caminho real de poder.

Por isso, afirmo: a Quimbanda é o antídoto à esterilidade do *Ocultismo* contemporâneo. Esse é a tônica fundamental de meus últimos quatro livros: demonstrar como a Quimbanda, no contexto da *nova síntese da magia*, pode revitalizar a magia moderna. Esse é o trabalho da *Ordo Estrela & Serpente*. A Quimbanda restaura a agência dos espíritos, a densidade do rito, a potência do corpo e a glória do encantamento. Não há nada de terapêutico em seu culto – há guerra, desejo, pacto e domínio. E é justamente essa crueza que devolve em Thelema a sua mordida, a sua carne, o seu destino de estrela encarnada.

Não há Verdadeira Vontade sem corpo, sem sangue, sem chão. E foi Exu quem me ensinou que a Verdadeira Vontade não se descobre apenas meditando em silêncio, mas pactuando no calor do ferro com os espíritos que moldam o destino. A Quimbanda restitui em Thelema sua dimensão mágica – concreta, taumatúrgica, perigosa. Ela devolve à Criança Coroada e Conquistadora o seu séquito de demônios, a sua coroa de espinhos, a sua lança enegrecida de pólvora e feitiço.

Pois assim como a Estrela de Prata não brilha sem a noite, a Serpente não se ergue sem o lodo. E foi no abraço escuro de Exu que reencontrei Nuit. Foi nas encruzilhadas da Quimbanda que ouvi, mais uma vez, o chamado do Anjo. Não um sussurro interno de autoconhecimento – mas o estrondo de uma entidade viva, de um espírito que exige oferenda, fidelidade e coragem.

Thelema, para renascer, precisa retornar ao Inferno. Precisa descer à cova e escutar os tambores dos mortos. Precisa se embriagar de novo com o vinho forte da feitiçaria. E é nesse retorno abismal que a Quimbanda se apresenta não como inimiga, mas como irmã – a irmã negra, a irmã maldita, a irmã esquecida, sem a qual a Estrela jamais encontrará seu caminho de volta à carne.

Que fique registrado então: *não há Ascensão sem Encruzilhada*. Não há Estrela sem Quimbanda.

Há, na cultura pós-moderna, uma tendência crescente de esvaziar o mistério da magia em nome de uma estética terapêutica que reduz os deuses a arquétipos e os espíritos a representações inconscientes. Essa magia psicologizada, que se apresenta como avanço, é na verdade um retrocesso: ao deslocar o campo mágico para dentro da psique individual, ela aliena o mago da agência real dos espíritos, amputando o feitiço de sua potência objetiva. Ao fazer do ritual um teatro para a autoconstrução subjetiva, perde-se o fundamento da Arte: o pacto com o Outro.

Thelema, em sua forma moderna e institucional, não escapou completamente dessa armadilha. O projeto do Iluminismo Científico, ao tentar submeter a magia a métodos e linguagem da ciência empírica, acabou por sabotar sua eficácia ontológica. Quando os espíritos se tornam metáforas e a experiência mística é contida nos limites do Ego, o milagre é neutralizado pela interpretação, e o *daimôn* é reduzido a símbolo. É o triunfo do mapa sobre o território.

Mas a Quimbanda, como ensinei em *WANGA: O SEGREDO DO DIABO*, resiste. Ela se ergue como um campo de força onde o encantamento permanece possível porque os Exus não são arquétipos, são Espíritos. Porque o sangue ainda pinga sobre os altares, e o pacto ainda exige preço. Aqui não há espaço para autoajuda, mas para confronto. A Quimbanda não oferece espelhos, oferece portais. Ela não conforta o Ego, mas forja o espírito.

É justamente por isso que ela se apresenta hoje como o antídoto necessário à esterilidade da magia pós-moderna. Porque onde o Ocidente racionalista desfez a teurgia, a Quimbanda reacende o caldeirão. Onde o psicologismo do Ego dissolveu o culto, a Quimbanda assenta o Ganga. E onde

Thelema corre o risco de se tornar um sistema sem alma, a Quimbanda o confronta com o espírito.

*A nova síntese da magia* – tal como demonstrei na trilogia DAEMONIUM – não se faz por acumulação de saberes, mas por combustão entre linhagens. Ela emerge do atrito entre sistemas, do pacto entre mundos. Thelema pode renascer, mas só se for queimada nas fornalhas de Exu. Não há reintegração sem travessia.

Neste sentido, a Quimbanda não é apenas uma tradição paralela à magia ocidental: ela é sua revitalização, seu retorno do recalcado, sua goécia sobrevivente. Não há magia verdadeira sem risco, sem sangue, sem espírito. E é isso que a Quimbanda devolve à Thelema: a ousadia de conjurar, o pacto como liturgia, o Diabo como mestre da transformação.

Assim, escrevo com as mãos sujas de cinza, mas os olhos acesos pela Estrela: que a magia volte a ser perigosa. Que os thelemitas se curvem, ao menos uma vez, diante da encruzilhada. E que saibam: quando a Quimbanda toca a Estrela, não há mais volta – apenas caminho.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

Este ensaio será publicado em uma edição de O OLHO DE HOOR. Este é um *Jornal de Pesquisas Thelêmicas* produzido pelo *Outer College Brasil*, linha de transmissão da A·A· através de Frater AHA-ON, 777 ∴.